

A VIOLÊNCIA ENTRE OS ADOLESCENTES NAS ESCOLAS DE CORUMBÁ-MS

La Violencia entre los Adolescentes en Escuelas de Corumbá - MS

Marcela Maria MARQUES*
Cláudia Araújo de LIMA**

Resumo: Este estudo buscou fazer uma reflexão, por meio de pesquisa bibliográfica, acerca da violência entre os adolescentes no ambiente escolar. Aponta-se o pouco interesse dos educadores para atuar na área do enfrentamento à violência escolar. É importante saber, compreender as causas da violência praticadas entre os adolescentes, para nortear, orientar os adolescentes e profissionais envolvidos. Esse levantamento configura a primeira parte de uma análise a ser realizada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas do Pantanal – NEPI/PANTANAL por intermédio do Observatório Eçaí: educação, saúde, desenvolvimento e outros direitos humanos de crianças e adolescentes na fronteira Brasil e Bolívia.

Palavras-chave: violência; violência escolar; adolescentes.

Resumen: Este estudio intentó hacer una reflexión por medio de investigación bibliográfica, sobre la violencia entre los adolescentes en el ambiente escolar. Puntos-si el poco interés de los educadores

Introdução

O objetivo deste artigo é fazer uma reflexão acerca da violência entre os adolescentes no ambiente escolar na cidade de Corumbá-MS, para tanto se faz necessário entender o que é violência escolar segundo algumas pesquisas na área.

A violência entre adolescentes nas escolas é um fator que vem chamando a atenção da população em geral, pois a violência causada por adolescentes, dentro e no entorno das escolas, passou a ser considerada com maior gravidade. Assim, chamou a atenção

* Discente do 7º semestre no curso de graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Campus do Pantanal; Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinares em Políticas Públicas, Direitos Humanos, Gênero, Vulnerabilidades e Violências – NEPI -PANTANAL- Grupo de Pesquisa vinculado ao Programa de Pós- Graduação em Educação- Educação Social- PPGE/CPAN/UFMS, Projeto Observatório Eçaí: Educação, Saúde, Desenvolvimento e outros direitos humanos de crianças e adolescentes na fronteira Brasil e Bolívia. E-mail: marcela.mmarques@yahoo.com.br

** Pedagoga; Doutora em Saúde Pública; Profa. Adjunta da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul; Coordenadora pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinares em Políticas públicas, direitos humanos, gênero, vulnerabilidades e violências - NEPI PANTANAL- Grupo de Pesquisa vinculado ao Programa de Pós Graduação em Educação- Educação Social- PPGE/CPAN/UFMS e ao curso de Graduação em Pedagogia CPAN/UFMS - Projeto Eçaí: Educação, Saúde, Desenvolvimento e outros direitos humanos de crianças e adolescentes na fronteira Brasil e Bolívia. E-mail: claudia.araujolima@gmail.com

para actuar en el ámbito de la lucha contra la violencia en las escuelas. Es importante saber, para comprender las causas de la violencia practicada entre los adolescentes, guía, mentor de jóvenes y profesionales implicados. Este estudio establece la primera parte de una revisión que se llevará a cabo por el Núcleo de Estudos e Pesquisa del Pantanal – NEPI/PANTANAL a través del Observatorio de Eçaí: educación, salud, desarrollo y otros derechos humanos de niños y adolescentes en la frontera entre Brasil y Bolivia.

Palabras clave: violencia; violencia escolar; adolescentes.



entender quais as violências praticadas por adolescentes dentro das escolas públicas na cidade de Corumbá-MS e, mais, entender porque e o que levam esses adolescentes a praticarem algum tipo de violência no ambiente escolar.

A escola, lugar de conhecimentos e de sociabilidades, é segundo Nogueira (2014) um ambiente favorável às desavenças e discussões entre os adolescentes, sendo um fator importante para as relações futuras, pois é onde o adolescente aprende a se relacionar com outras pessoas fora ao seu convívio familiar.

O interesse pelo tema da violência entre os adolescentes surgiu no ano de 2014, durante estágio na Delegacia de Atendimento à Infância, Juventude e ao Idoso de Corumbá-MS (DAIJI-Cor) e, também, durante outro período de estágio em uma escola pública, onde pode-se observar várias cenas de relatos sobre violências ocorridas. Os adolescentes que compareciam na DAIJI-Cor acompanhados por diretores de escolas ou seus responsáveis legais para registrar Boletim de Ocorrência (BO) era recorrente, despertou o interesse em estudar e compreender quais as causas, as manifestações mais comuns de violência no ambiente escolar e quais as consequências desse fenômeno para os adolescentes.

Metodologia

Para delimitar esse estudo, primeiramente foi realizado um

levantamento de pesquisas no banco de teses e dissertações no portal (CAPES) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, tendo como palavras-chave: Violência e escola; Adolescente, buscando pesquisas que debatam o problema da violência nas escolas.

Da pesquisa realizada com a palavra Adolescente localizamos 6.073 pesquisas. No primeiro momento, foram selecionados 12 artigos, que depois de lidos foram utilizados 4 artigos para a composição desse capítulo. Com os descritores Violência e Escola foram localizados 800 artigos: selecionou-se 7 deles e, dentre esse universo, 4 artigos foram utilizadas nesse trabalho.

Desse mapeamento, foi possível localizar apenas duas pesquisas realizadas na cidade de Corumbá-MS sobre violência escolar: uma pesquisa da Graduação do ano de 2013 com o título “*Bullying* no Ambiente Escolar: Um olhar a partir da Produção de Teses e Dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Educação” onde Oliveira (2013) destaca todas as produções feitas sobre a violência escolar denominada *Bullying*; a segunda foi uma dissertação de Mestrado do ano de 2011 com o título “Violência no cotidiano escolar: a visão de professores que atuam no ensino fundamental de escolas públicas no município de Corumbá-MS”, na qual Costa (2011) destaca as principais violências praticadas no ambiente escolar e como os professores lidam com essa violência.

Após essa consulta e aprofundamento dos estudos, percebe-se que existe uma crescente preocupação com a violência escolar no Brasil, entretanto são poucas as pesquisas sobre o tema, na cidade e na região de Corumbá, em especial, na área da educação, uma vez que foram identificados poucos estudos realizados por educadores sobre o tema, restringindo uma análise desse tema por intermédio do olhar pedagógico.

Assim, o estudo centrou-se em um levantamento bibliográfico, visando mapear autores que realizaram pesquisas sobre o tema da violência na escola e sobre a adolescência e violência na escola.

Conforme Padua (2014) explica, a pesquisa bibliográfica tem como finalidade levantar dados sobre um determinado tema para deixar o pesquisador mais próximo do seu tema de pesquisa.

Após o levantamento bibliográfico, fez-se necessário buscar informações junto a DAIJI-Cor (Delegacia de Atendimento à Infância, Juventude e ao Idoso) de Corumbá-MS. De acordo com essa delegacia, de 01/01/2011 à 31/12/2015 foram registrados 117 boletins de ocorrências relacionados à violência escolar. No ano de 2015 foram registrados 18 boletins de ocorrências, sendo 10 praticados por meninas e seis por meninos e 2 estão sendo apurados. As denúncias mais frequentes de violência entre os adolescentes no ambiente escolar no ano de 2015 foram: Vias

de fato, ameaça e lesão corporal dolosa. Em comparação ao ano de 2014, em 2015 houve uma queda de 50% das denúncias registradas na Daiji, pois em 2014 foram registradas 36 denúncias, sendo os delitos mais recorrentes: ameaça, lesão corporal dolosa, vias de fato, furto, calúnia, portar drogas para consumo próprio.

Definições sobre Violência

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como: “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (DAHLBERG; KRUG, 2002, p. 1165).

Para explicar as raízes da violência, a OMS propõe um modelo chamado de “ecológico”, ou seja, seria necessário considerar vários fatores que podem ocasionar a conduta violenta. Assim, de acordo com Minayo (2006), devem-se identificar os fatores biológicos que cada indivíduo apresenta em seu comportamento para que se tornem vítimas ou autoras de violências, dependendo de suas características maiores. Devem-se também, segundo a autora, serem observados fatores relacionais, como amigos, colegas, familiares que podem influenciar ou até mesmo incentivar atitudes violentas. A OMS reafirma, no caso dos jovens, que os amigos são grandes incentivadores da violência. Os fatores comunitários e sociais devem também ser observados, pois o local de trabalho, a escola, a vizinhança, o desemprego, o uso de drogas, as armas e os fatores culturais do machismo incrustado em nossa sociedade seriam elementos que justificam o uso da violência na resolução dos problemas.

Para entendermos a violência é preciso analisar e considerar toda uma sociedade desigual e excludente na qual vivemos. Além disso, temos que considerar a influência do contexto social no qual esta inserida, considerar suas relações sociais. Na adolescência e juventude, as desigualdades sociais, culturais, valores humanos e as dificuldades de acesso a bens e serviços, podem ser traduzidas em alguns contextos, como estímulos a comportamentos considerados inadequados e que por vezes resultam em situações de estresse, onde forças em desequilíbrio podem causar violências físicas, psicológicas, sexuais, morais, patrimoniais ou chegar ao extremo do óbito.

Minayo (2006) destaca que a violência é polissêmica, pois depende da época, locais e circunstâncias em que é praticada, ela pode ser tolerada ou condenada, dependendo da realidade vivida. A autora pontua as características da violência

como oriundas dos conflitos de autoridade, das lutas pelo poder, da vontade de domínio, de posse e de aniquilamento do outro ou dos seus bens.

A violência sempre fez parte de nossa sociedade e pode ser observada em todas as camadas da sociedade e em todos os lugares. Todos os anos morrem milhares de pessoas vítimas da violência, mas o que tem chamado à atenção é a violência praticada por adolescentes dentro do ambiente escolar, que é considerado um ambiente de socialização e transmissão de conhecimento.

Segundo Abramovay (2002) a violência escolar não tem um conceito único, pois depende de quem a pratica, de quem a sofre, da idade, do sexo, de quem vê, de quem fala e de quem ouve.

Charlot (2002, p. 434) caracteriza a violência de três formas: a “violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar.” Quando a escola é o ambiente onde ocorre a violência de disputa externa, como quando a escola é invadida. A escola não está mais protegida das violências externas, que antes não ultrapassavam os portões; Para o autor (2002, p. 434) a “violência *à* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar”. É quando a violência é praticada pelos alunos em relação aos professores e a instituição escolar. E, ainda, segundo Charlot (2002, p. 435) a “violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam”. São aquelas em os alunos sofrem agressões por parte da diretoria e dos professores como palavras grosseiras, atribuição de notas e na diferenciação na separação de classes. Essa distinção é importante, pois a escola está impotente à violência na escola, àquela que é em relação ao mundo externo, mas pode e deve lidar com relação a violência à escola e da escola (CHARLOT, 2002, p. 435).

Para Abramovay (2002) é importante levar em conta quando nos referimos aos adolescentes e jovens, temos que compreender que os fatores de dentro e fora da escola, as questões de gênero, as relações raciais, os meios de comunicação e o espaço social em que estão inseridos e a forma como se apresentam na sociedade externa, influem sobre as situações de violência nesses espaços escolares. Assim como as violências internas no ambiente escolar, que estão relacionadas diretamente a faixas etárias e a série ou o nível de escolaridade dos estudantes, as regras e a disciplina dos projetos de cada estabelecimento de ensino, se apresentam para cada situação, como sinalizador de impacto do sistema de punição.

A compreensão do fenômeno da violência começa a ser timidamente deslocada; abandona-se a ideia de atribuir responsabilidade ao “outro”, o “estranho”, aquele que está fora da comunidade escolar. As interrogações voltam-se para as práticas dos atores, inscritas no dia-a-dia dos estabelecimentos de ensino. As entrevistas realizadas com vigias

e funcionários das escolas, durante o ano de 1992, indicavam novas modalidades de ações menos frequentes na década anterior. Tornam-se mais evidentes certas formas da vida escolar ou da sua cultura impregnadas de condutas violentas. Aumentam os índices de agressões físicas entre grupos de alunos nas áreas internas ou nas proximidades da unidade escolar [...] (SPOSITO, 2001, p.67).

Na década de 1990, a violência deixou de ser apenas aquela que vinha de fora para dentro da escola, causada por pessoas externas à comunidade escolar e passou a ser praticada pelos adolescentes. A agressão física entre os adolescentes passou a ser o ato mais agravante dentro das escolas até os dias atuais.

A violência nas escolas passou a chamar a atenção devido aos episódios de violências dentro da escola como assassinatos, lesões corporais, graves ou gravíssimas, tiroteios, como também, violências praticadas por adolescentes diariamente e que não são percebidas por professores, e muitas consideradas por adolescentes como brincadeiras “normais” entre eles, o bullying:

São todas as formas agressivas realizadas de maneira voluntária e repetitiva que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro, causando dor e angústia, e realizada dentro de uma relação desigual de poder. (Ato 03/11, MPSP Capital).

O bullying, segundo Fante e Pedra (2008, p.1) é visto como uma brincadeira e como “o que há de melhor na escola pelos alunos”. Contudo, essas brincadeiras são muitas vezes carregadas de maldades e de insensatez, tornando-se, em alguns casos, o estopim de outros atos de violência mais graves dentro da escola. Podemos perceber que quando isso acontece o bullying já ultrapassou os limites do suportável para quem está sofrendo as suas ações.

Fante e Pedra (2008, p.1-2) caracterizam o bullying como:

[...] atitudes hostis, que violam o direito à integridade física e psicológica e à dignidade humana. Ameaça o direito à educação, ao desenvolvimento, a saúde e à sobrevivência de muitas vítimas. As vítimas se sentem indefesas, vulneráveis, com medo e vergonha, o que favorece o rebaixamento de sua autoestima e a vitimização continuada e crônica.

O bullying ainda não possui uma tipificação legal no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), no CNJ (Conselho Nacional de Justiça) ou no CNMP (Conselho Nacional do Ministério Público). Qualquer ato de bullying deve ser encaminhado ao MP (Ministério Público), que sendo criminoso (lesão corporal, crime contra a honra, por exemplo), instaurará procedimento de Apuração de Ato Infracional, do contrário, será investigado e arquivado.

Na cidade de Corumbá-MS, segundo Costa (2011), que organizou dados da Daiji-Corumbá no ano de 2011, as violências mais comuns dentro das escolas são: lesão corporal dolosa, vias de fato, injúria, difamação e desacato a professores. Numa próxima etapa desse estudo, serão analisadas as causas e suas correlações no espaço educacional.

Adolescência e legislação no Brasil

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente–ECA (Lei nº 8.069/1990) “adolescente é aquele entre doze e dezoito anos de idade e gozam de todos os direitos inerentes a pessoa humana”.

A juventude é uma noção ambígua. Podemos apreendê-la como uma faixa etária, uma etapa de transição da vida de todas as pessoas, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração. [...] como objeto de reflexão – é um produto da modernidade ocidental que ganha espaço significativo no imaginário social, sobretudo a partir de meados do século XX. Como objeto de preocupação, é possível situar, já no final do século XIX [...] referências reiteradas sobre o modo de ser e agir peculiar da juventude. E, como objeto de admiração, desde os primórdios de nossa civilização a juventude é enaltecida pelo seu vigor, beleza física ou saúde. (TRASSI; MALVASI, 2010, p. 21-22).

No Brasil, a definição de juventude varia de acordo com critérios das Nações Unidas e por instituições oficiais como o IBGE. Assim, segundo Trassi e Malvasi (2010), não há um consenso na delimitação da faixa etária, mas considera uma fase de muitas mudanças.

Aberastury e Knobel (1981, p. 89) definem adolescência como “a condição ou o processo de crescimento”. É um termo utilizado para definir o período entre a puberdade e o desenvolvimento total do corpo. É um período de crescimento e modificações no corpo e na mente do adolescente, e a sociedade passa a lhe exigir uma mudança de papel, uma atitude de adulto frente à sociedade. Mas a adolescência não deve ser apenas uma passagem para a vida adulta. A criança entra na adolescência cercada de conflitos interiores e precisa sair dessa fase com estabilidade psicológica para seguir para a vida adulta.

[...] adolescência a área de maior turbulência no percurso da vida do homem, já que seu protagonista tem escasso conhecimento de suas próprias potencialidades. Esta ignorância gera pânico: para enfrentá-lo, o adolescente adota e utiliza modelos que se referem geralmente a mundos ideais (FERRARI, 1996, p.5).

O adolescente, ao passar por esse período, passa também por uma fase de autoafirmação de sua imagem, de suas atitudes e também de seus conceitos quanto a sua vida. Para se autoafirmar, o adolescente passa a se questionar, a questionar os valores passados para ele, tem mudança de comportamento e pensamento, tudo passa a ser e fazer parte de suas próprias experiências pessoais. E, segundo Ferrari (1996), enquanto a criança é “protegida” e “contida”, o adolescente passa por situações onde precisa aprender a se controlar e controlar a situação em que esta vivendo.

Para Calligaris (2000, p.16), “uma vez transmitidos os valores sociais mais básicos, há um tempo de suspensão entre a chegada à maturação dos corpos e a autorização de realizar os ditos valores. Essa autorização é postergada. E o tempo de suspensão é a adolescência.” Segundo o autor a adolescência é um tempo de

espera para a vida adulta, é uma fase que por mais que se esteja preparado, ainda não é reconhecido como um adulto e ainda ficará sob a responsabilidade dos adultos para se preparar para o amor, para o trabalho e para o sexo por mais um tempo.

Para os adolescentes atuais é mais complicado viver essa fase, pois:

[...] além de instruir os jovens nos valores essenciais que eles deveriam perseguir para agradar à comunidade, a modernidade também promove ativamente um ideal que ela situa acima de qualquer valor: um ideal de independência (CALLIGARIS, 2000, p. 2).

A educação moderna e a sociedade instigam e esperam que os adolescentes se tornem indivíduos independentes, mas nessa fase de dependência do adulto, por mais que já estejam maduros fisicamente, sua autonomia é reprimida. O adolescente se encontra em uma contradição, pois a sociedade pede uma maturidade para entrar para a vida adulta, mas ao mesmo tempo não dá espaço para que isso ocorra, alegando serem adolescentes.

A adolescência caracteriza-se por ser uma fase de transição entre a infância e a juventude. É uma etapa extremamente importante do desenvolvimento, com características muito próprias, que levará a criança a tornar-se um ser adulto, acrescida da capacidade de reprodução (ZAGURY, 1996, p. 24).

Para a autora, a fase da adolescência é de muitas mudanças, inclusive corporais, psicológicas e sociais que podem variar dependendo da cultura, de grupos e de indivíduos dentro de um grupo. Na adolescência ocorrem mudanças intelectuais, afetivas e o amadurecimento sexual. Transformações em seus corpos e mentes. Entretanto, há uma cobrança da sociedade em se comportar como adultos em certas ocasiões, mesmo sendo adolescentes.

A escola e os estudos, segundo Zagury (1996, p. 33) são considerados instrumentos para uma ascensão social e uma forma de retirar o adolescente das ruas e das más companhias para as camadas populares da sociedade. Para as camadas mais favorecidas, o estudo e a escola seria a única obrigação dos adolescentes, assim como notas boas e frequências nas aulas. Para a autora, os pais dessa camada da sociedade podem até serem inseguros na criação de seus filhos, mas em relação à escola os pais não abrem mão que seus filhos sejam freqüentes e apresentem resultados satisfatórios. A forma de agir desses pais, segundo a autora, argumenta-se como algo positivo, posto que os seus estudos indicam que os adolescentes “[...] assimilam essa forma de ver, sentir e pensar a escola e os estudos” (ZAGURY, 1996, p. 33-34).

Sempre ouvimos falar que o adolescente não quer saber de estudar, critica tudo, “cola” muito, “mata” aulas sempre que pode, não sabe o que quer etc. E, na verdade, há mesmo certa mudança em relação aos estudos e à escola nesta fase. Surgem novos interesses, a criança se torna mais crítica, não aceita tão passivamente o que vê de errado, seja nos professores, nos inspetores, na metodologia ou no conteúdo que lhe é ministrado (ZAGURY, 1996, p. 34).

O adolescente passa a questionar tudo ao seu redor, os pais, a escola, nesse processo de se conhecer, de conhecer o mundo dos adultos quando em certos momentos é chamado a se comportar como adulto e em outros é tratado apenas como uma criança, para ser aceito em certos grupos, alguns passam a se comportar de forma rebelde e se afastam da família, para se integrar a pequenos grupos, sejam eles de amigos, por afinidade de estilo ou até gangues (CALLIGARIS, 2000).

Nogueira (2014) afirma que o ambiente escolar é espaço de socialização, sendo assim, um espaço onde podem surgir conflitos, violências e desentendimentos; é um aspecto comum e necessário para as relações dos adolescentes, já que estes passam boa parte do seu dia dentro de uma escola.

Segundo Young (2007, p. 1288), a escola tem muita importância na sociedade, pois “sem elas, cada geração teria que começar do zero ou, como as sociedades que existiram antes das escolas, permanecerem inalterada durante séculos”. As escolas são importantes para a socialização das crianças e jovens, é a segunda instituição após a família, que tem o dever, de cuidar, orientar e proteger os adolescentes.

Para Abramovay (2003) a escola e seus profissionais, são os responsáveis por assegurar o desenvolvimento do aluno e também criar formas de aprendizagens e interações entre os alunos, professores, diretores e a equipe técnica da escola, criando assim um ambiente comunicativo e saudável. Na escola, um ambiente onde se tem diversas origens de pessoas, ocorrem brigas, desentendimentos, atos de violência que devem ser imediatamente solucionadas pela direção da escola, analisando conforme a gravidade do caso.

Charlot (*apud* NOGUEIRA, 2014) afirma que é preciso separar e diferenciar os atos que ocorrem dentro da escola, para que os educadores possam enfrentar e combatê-los. Assim, Nogueira (2014) classifica os atos que ocorrem dentro da escola como: violência quando ocorre contra a lei, que deverá ser punida; transgressão: é o que fere o regimento escolar e suas regras e a Incivilidade, que é a falta de boas maneiras com os colegas e funcionários da escola.

A escola tem grande dificuldade de diferenciar os atos que ocorrem dentro do seu espaço. Sendo assim, não sabe como agir diante de atos de violência entre os adolescentes. Para Abramovay (2003) as escolas deixaram de ser um ponto de apoio e segurança para os alunos e perderam os vínculos que mantinham com a comunidade. Assim, o que poderia ser tratado dentro da escola, pela direção escolar como ato de indisciplina escolar, hoje se torna uma ocorrência policial e o jovem fica marcado na sociedade como adolescente infrator.

Violência e adolescência nas escolas de Corumbá

Segundo a visão dos responsáveis pela Daiji, as causas da violência escolar na cidade de Corumbá são: a falta de estrutura familiar, a perda da autoridade dos pais sobre seus filhos, a negligência dos pais na educação dos filhos e a falta de limite dos adolescentes. Os adolescentes, quando questionados dos motivos que geraram a violência praticada dentro da escola, geralmente respondem que são por causa de namorado, da beleza e de antipatia pelo outro.

Entre os anos de 2010 e 2011 foram realizados palestras junto às escolas de Corumbá tratando assuntos como o ECA, direitos e também os deveres dos adolescentes, a punição para os atos infracionais segundo o ECA. Dessa forma, observou-se a diminuição dos casos de violência escolar diminuir, como podemos observar na tabela 1.

Lesão Corporal Dolosa	3	9	4	3	5
Vias de fato	7	7	2	2	3
Ameaça	6	12	5	5	2
Furto	1	3	2	1	2
Calúnia	-	2	-	-	-
Portar drogas para consumo pessoal	-	2	-	3	-
Estupro de Vulnerável	1	-	-	-	-
Oferecer, trocar, disponibilizar vídeos, fotografias...	-	1	-	-	-
Injúria	-	-	1	4	1
Submeter criança ou adolescentes sob sua autoridade...	-	-	1	-	1
Lesão Corporal Recíprocas	-	-	1	-	-
Perturbação do trabalho ou sossego alheio	-	-	-	4	-
Difamação	-	-	-	1	-
Desacato	-	-	-	-	2
Porte de arma					1
Total de denúncias	18	36	16	23	17

Tabela 1 - Quadro de denúncias de violência escolar na Daiji

Fonte: dados pesquisados do SIGO

É importante salientar que a violência escolar não pode e não deve ser naturalizada dentro do ambiente escolar, pois a escola precisa contribuir para a formação integral

dos seus alunos, mudando seus currículos, suas práticas diárias e suas relações interpessoais. Formando educadores e alunos conscientes, a escola torna-se um local saudável e acolhedor para formar cidadãos estáveis para a nossa sociedade.

A partir do ano 2011 apresentou-se um crescimento no quadro de denúncias, com evidências para casos de lesão corporal, vias de fato e ameaças, o que aponta a necessidade de ampliar o diálogo sobre processos de mudanças comportamentais e a implementação de projetos de cultura de paz nas escolas.

Ainda sem comparativos com dados do setor saúde, onde são atendidos os adolescentes feridos pela violência, podemos observar que o crescimento de casos de violência nas escolas de Corumbá, passa ainda pela ausência de diálogo interdisciplinar e pela possibilidade de utilização dessas informações para o desenvolvimento de ações e estratégias para sua redução.

Considerações finais

O espelho do período 2011 a 2015 projeta uma realidade escolar que envolve os diversos serviços públicos, a sociedade e as famílias, considerando o que pode ser trabalhado para adolescentes em conflito com a Lei, antes de serem apreendidos, julgados ou condenados pela justiça.

O porte de armas e o envolvimento com drogas na escola, entre os adolescentes atendidos na delegacia, ainda pode ser considerado leve, no entanto, é um alerta para ações de prevenção e repressão ao crime. As ameaças e vias de fato são fonte de preocupação, posto que em grande maioria causa danos corporais e podem levar à morte, como ocorrido em algumas situações no município, fora do ambiente escolar.

Maiores aprofundamentos de estudos deverão fazer parte da leitura desses prontuários, com a devida autorização da Secretaria Estadual de Segurança Pública. É representativo que tais análises possam contribuir para a redução dessa forma de violência, para a articulação intersetorial e a orientação desses adolescentes envolvidos pela violência e finalmente estabelecer um debate social acerca das causas e consequências da violência na escola.

Referências

- ABERASTURY, A.; KNOBELL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ABRAMOVAY, Miriam *et al.* *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Sena,

- UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2004.
- CALLIGARIS, CONTARDO. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CANDAU, Vera Maria(org.). *Construir Ecossistemas Educativos- Reinventar a Escola*. In: *Reinventar a Escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 11 a 16.
- CHARLOT, B. *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, n. 8, jul/dez 2002, p. 432-443.
- COSTA, Polyana A. da S. *Violência no cotidiano escolar: a visão dos professores que atuam no ensino fundamental de escolas públicas do município de Corumbá-MS*. 2011. 263f. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFMS. Corumbá, 2011.
- DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 11, 2006, p. 1163-1178.
- FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FERRARI, Armando B. *Adolescência: o segundo desafio. Considerações psicanalíticas*. Trad. Marcella Mortara. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- _____; PONTES, Marília. *A instituição escolar e a violência*. Disponível em: www.iea.usp.br/artigos.
- NOGUEIRA, Paulo H. Q.; VILLAS, Sara. Juventude, Indisciplina e regras escolares. In: CORREA, L. M.; ALVES, M. Z.; MAIA, C. L. (org.). *Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- OLIVEIRA, Patrícia C. Dias de. *Bullying no ambiente escolar: um olhar a partir da produção de teses e dissertações dos programas de pós-graduação em educação*. 2013. 24f. Dissertação (Graduação em Pedagogia), UFMS: Corumbá, 2011.
- SILVA, J. M. P e SALLES, L. M. F. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Educar em Revista*, n. Especial 2, 2010, p. 217-232.
- TRASSI, Maria de Lourdes; MALVASI, Paulo Artur. *Violentamente pacíficos: desconstruindo a associação juventude e violência*. São Paulo, 2010.
- YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? *Educ.Soc.*, Campinas, vol. 28, n.101, set/dez.2007, p. 1287-1302.
- ZAGURY, Tânia. *O adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Record, 1996.